

Estudo Comparativo Entre a Produção Brasileira de Histórias em Quadrinhos e a Produção Estrangeira, Veiculadas no País, Entre 1934 e 1970.¹

Ricardo Bruscatin Morelato. Universidade Mackenzie.²

Resumo:

O plano de pesquisa ou proposta inicial, procurou estabelecer a princípio, um quadro comparativo dos índices quantitativos das Histórias em Quadrinhos nacionais, frente à veiculação de material estrangeiro dentro do mercado editorial. Deveu-se na análise estatística e levantamento “de campo” das publicações de HQs veiculadas no país, no período de 1934 à 1970. Para isto, utilizou-se da consulta às fontes bibliográficas disponíveis, adotando como documento principal no direcionamento desta proposta, o estudo e catalogação de Histórias em Quadrinhos veiculadas no país, realizado por Mário Tabarin, Enrique Lipsick e Álvaro de Moya, quando da realização da Exposição Internacional de Histórias em Quadrinhos no MASP, em 1970.

Palavras-Chave:

Mercado Editorial; Histórias em Quadrinhos; Desenho.

Corpo do trabalho:

Baseando-se nos princípios que fundamentam o método dialético, quando este destaca o caráter global da atividade humana e a ligação indissolúvel entre história dos fatos sociais e econômicos e a história das idéias, o artigo compara no período de 1934 (lançamento do Suplemento Juvenil de Adolf Aizen) até 1970 (auge do terror nacional),

¹ Trabalho apresentado ao NP 16 – Histórias em Quadrinhos, do XXVIII Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom

² Ricardo Bruscatin Morelato é mestre em Artes Visuais, formado pelo Instituto de Artes da UNESP/SP em 1996, autor da dissertação: O “Poético” Possível, nas Histórias em Quadrinhos Brasileiras: do Texto Narrativo, ao Texto “em Volume”. Atua na área do Design Gráfico e é professor do curso de Publicidade, Propaganda e Marketing da Universidade Mackenzie e do Centro Universitário Nove de Julho (UNINOVE/SP). Contato: morel@mackenzie.com.br

aspectos quantitativos e qualitativos da produção nacional de Histórias em Quadrinhos, diante da produção estrangeira, veiculada no país. Estabelece como objetivos primários a quantificação de ambas as categorias apontadas (produção nacional e estrangeira), para em seguida, caracterizar períodos de veiculação e a própria periodicidade das publicações, para a posterior análise das ênfases temáticas, características iconográficas comparativas entre o “traço” realista de alguns artistas nacionais em relação ao desenho caricato de outros e possível predominância de uma identidade estilística na produção nacional do período. Aponta para a constante oscilação quantitativa na publicação de material nacional (produzido no Brasil) em relação à produção estrangeira, trazendo em si, dados que extrapolam os indícios econômicos e sócio-culturais, já amplamente abordados pela bibliografia nacional, em outros mais relacionados com as características estéticas de tais publicações.

A metodologia adotada, consistiu no levantamento de exemplares de Quadrinhos, disponíveis na Gibiteca Henfil, Gibiteca do Centro Cultural Vergueiro e na Gibiteca da Escola de Comunicação e Artes da USP. A referência bibliográfica que norteou o estudo de campo foi o catálogo da Exposição Internacional de Histórias em Quadrinhos da EPA/MASP ³ de 1970, onde Mário Tabarin entre outros, oferece uma catalogação primeira da produção de quadrinhos veiculada no país.

A publicação de Tabarin apontou um total de 427 publicações, muitas das quais, disponíveis nas gibitecas apontadas anteriormente e outras, mais raras, somente encontradas em coleções particulares de colecionadores e aficcionados. Este catálogo, publicado quando da Exposição Internacional de HQs realizada no MASP em 1970, trouxe um roteiro valioso para o encaminhamento da pesquisa, uma vez que abrange grande parte da produção em quadrinhos, veiculada no mercado editorial do período, em um registro preciso e detalhado enquanto primeira tentativa de catalogação de tal espécie.

³ Escola Panamericana de Artes, Museu de Arte de São Paulo e Secretaria de Turismo da Prefeitura/SP. Seção Brasileira contida no Catálogo da Exposição Internacional de Histórias em Quadrinhos. Congresso Internacional de Histórias em Quadrinhos. MASP, 1970.

Este documento permitiu a confecção de gráficos numéricos e tabelas comparativas, referentes ao desenvolvimento e evolução das HQs veiculadas no país, determinando oscilações quantitativas ocorridas ao longo do período, no que diz respeito à produção e veiculação de material nacional em relação à seu correspondente estrangeiro. Através destes gráficos, pôde-se observar períodos de ascensão quantitativa da produção nacional e do mercado editorial como um todo, caracterizando assim um panorama detalhado, base de apoio para abordagens diversas a serem exploradas, por estudantes e pesquisadores em geral.

Mostrou em uma primeira análise, 125 publicações nacionais ou com parte de sua produção criativa realizada no país, as vezes com os desenhos criados por artistas brasileiros e, muitas vezes também o roteiro, características de obras autorais, produzidas por um único artista, como as publicações do auge do terror no Brasil (Moya,1977,pp227). Além destas, outras publicações mescladas com material estrangeiro e material nacional, se constituíram em um material híbrido, apontando 26 publicações para análise, como por exemplo: Suplemento Juvenil, A Gazetinha, Guri S.A, Vida Infantil, A Gazeta Juvenil, Edição Maravilhosa, Aventuras, Álbum Gigante, O Terror Negro, Vida Juvenil Azul, Vida Infantil Rosa, entre outras, para citar apenas o material da primeira metade do século. Finalmente o catálogo registrou 276 títulos estrangeiros publicados no país no período, perfazendo 65 % do total da produção total de quadrinhos veiculada no país.

Como proposta de análise crítica, o objetivo principal foi a preocupação com questões puramente estéticas, pertinentes ao material analisado, no que diz respeito ao seu formato, temática e diferentes práticas gráficas e iconográficas em estilos executados pelos diversos autores e desenhistas nacionais destacados. Muito relevante foi a forma conceitual distinta de classificação e caracterização das HQs, onde o desenho caricatural ou humorístico diferenciou-se nitidamente de outro mais realista ou dramático, praticado inicialmente por autores e desenhistas estrangeiros a partir dos anos 30 (Tarzan de Harold Foster) desenvolvendo-se quantitativamente e qualitativamente nas décadas de 30,40 e 50 (época de ouro dos quadrinhos mundiais).

Como conceito chave para as considerações expostas, é necessário apontar a classificação realizada por McCloud⁴, em sua pirâmide iconográfica onde aponta características icônicas e indiciais em desenhos de quadrinhos, com vasto referencial visual para a associação do desenho com características realistas à base da pirâmide ou as imagens indiciais, que indicam o “referente das coisas”. Já os desenhos com ênfase na caricatura, se aproximam do topo do diagrama, onde as imagens se afastam do seu referencial tradicional, portanto icônicas, abertas. Do total de obras produzidas no Brasil e analisadas, a grande maioria apresenta uma ênfase realista no traço, como que necessária para a perfeita apresentação do roteiro. É o caso das adaptações realizadas pela EBAL e muitas das revistas de terror publicadas no final dos anos 60, início dos 70. Muitas vezes o roteiro estrangeiro era adaptado em novos desenhos e seqüências gráficas realizadas por artistas nacionais.

Outras vezes, o próprio material (roteiro/seqüência) estrangeiro era adulterado para a perfeita adaptação as mídias (revistas) brasileiras. O material, publicado originalmente no formato de “tiras” pelos “Syndicates” nas páginas dominicais de jornais Norte Americanos e Europeus era adaptado para os “Gibis” nacionais.

Assim é possível perceber destaques em meio a produção nacional, no momento em que parte desta produção aponta diferenças conceituais produzidos pelos artistas, tanto na elaboração dos roteiros como na produção dos desenhos em quadrinhos. Este processo pode ser observado na produção de Millor Fernandes e Carlos Estevão em “Doutor Macarra” e “Ignorabus”, Maurício de Souza com “Bidú” e a “Turma da Mônica”, Ziraldo com “Pererê”, Henfil com a “Graúna” e os “Fradins”, Péricles com “O Amigo da Onça” e Luiz Gê com “O Balão”. É no momento em que o desenho brasileiro toma forma própria no traço de alguns artistas, que tem início as análises do corpo deste trabalho.

⁴ MacCloud, Scott. Desvendando os Quadrinhos. Makron Books, São Paulo, 1995. Aqui o autor estabelece parâmetros visuais para as comparações estilísticas propostas no corpo deste trabalho. Constitui um documento visual de importância primordial para o entendimento da proposta aqui desenvolvida.

O resultado quantitativo obtido, aponta para as relações intrínsecas das Histórias em Quadrinhos enquanto linguagem, com a cultura popular brasileira, comprovada pelo crescente número de títulos publicados e uma constante evolução do mercado editorial como um todo. É preciso lembrar que o Brasil veiculou um dos primeiros projetos da linguagem dos quadrinhos como são entendidas hoje, já em 1869 com “As Aventuras de Nhô Quim” de Ângelo Agostini.

Além disto, as fontes bibliográficas disponíveis, como os estudos pioneiros de Álvaro de Moya, Moacyr Cirne, Antônio Luis Cagnin entre outros, forneceram imenso material de apoio para a catalogação comparativa entre características quantitativas, temáticas e estilísticas (desenho realista x caricato) do material coletado.

Averiguou-se a frequência de manifestações artísticas nacionais, enquanto produção e criação de HQs no Brasil, dentro de seu mercado editorial, dinamizada pelo seu público fruidor e este, responsável também pelas características do material analisado, uma vez que a receptividade e por consequência a duração de tais publicações foram estudadas, desenhadas e diagramadas em gráficos específicos.

Ainda com relação às análises estéticas realizadas, alguns personagens brasileiros como “O Jodoka”, “Vigilante Rodoviário”, “O Samurai”, “Mirza”, “Anjo”, “Capitão Sete”, “Capitão Atlas”, entre outros, revelam estreita ligação temática e semelhanças iconográficas quanto ao estilo do desenho realizado, com as histórias e personagens estrangeiros desenvolvidos na época. Porém é preciso lembrar que já no “Tico-Tico”, publicação que vai de 1905 a 1960, destinada ao público infantil e produzida por artistas brasileiros como Luis Loureiro, Alfredo Rocha, Alfredo e Oswaldo Storni, Paulo Afonso e Miguel Hochman, redesenhando o personagem “Buster Brow” de Richard Outcault, agora transformado em Chiquinho, com traços muito próximos do desenho humorístico/caricatural adotado por artistas nacionais nos anos seguintes. Apesar de criações tipológicas intimamente ligadas à uma realidade brasileira (como é o caso de “Zé Caipora” e “Nhô Quim” de Ângelo Agostini, o “Tico-Tico” importa um modelo americano e procura adaptá-lo à uma linguagem e realidade nacional, buscando uma “brasilidade” do

personagem, muitas vezes introduzindo personagens coadjuvantes à série e concedendo uma popularidade significativa ao personagem principal.

Encontram-se em suas páginas, personagens antológicos do repertório criativo nacional como é o caso de : “Kaximbow” , “Chico Maldesorte” ,” Barão de Rapapé”(Max Yantok), “Zé Macaco” , “Faustina”, e “Baratinha” (Alfredo Storni), “Lamparina” (J.Carlos, este o artista de maior destaque na época), “Reco-Reco”, “Bolão”, “Azeitona”, “Peteleco” (Luis Sá) “Bolinha e Bolonha” (Nino Borges) entre outros. Todos dirigidos a um público infantil com a clara predominância do traço caricato/humorístico apontado anteriormente.

Foi possível perceber, períodos de crescimento quantitativo e até mesmo ascendência da produção nacional frente ao material importado veiculado pelas editoras em alguns períodos, destacando a época áurea do “Terror” brasileiro, ocorrida entre 1951 e 1970.

É daí que surgem publicações como “O Lobisomem”, “ Estórias Negras”, “Horror Cômico”, “ Mylar”, “Seleções de Terror”, “Irina a Bruxa”, “Escorpião”, “Carrasco” , “Mistyco” , “Mirza”, “O Vampiro”, “Terror Especial”, “Clássicos do Terror”, “Estórias Diabólicas” , “Terror e Guerra” ,”Miniterror”, entre outras.

Mas a grande ascendência da produção estrangeira sobre a nacional, parece não ser capaz de esconder que, discretamente, as narrativas nacionais e a própria produção artística como um todo, conseguiram ao longo dos 36 anos analisados, de uma forma ou de outra se inserir no mercado editorial, em produções aparentemente sem destaques, mas se analisadas segundo métodos científicos específicos como por exemplo a “História das Idéias” e a “Gestalt dos Objetos” , podem evidenciar uma espécie de desorganização do sistema(produto) imposto, tradicional e convencional. Uma espécie de desreferencialização do público fluidor, este totalmente automatizado pelas narrativas tradicionais norte americanas e européias, encharcadas de um teor maniqueísta e previsível

(o bem sempre vence o mal), facilmente comprovado por seus expoentes máximos como O “SuperHomem”, “Batman”, “Tarzan”, etc.

Para concluir, este é um esforço na captura de um momento, ou momentos únicos, onde outros indivíduos e cidadãos contemporâneos, leitores comuns, se deparam com instantes de surpresa, diferentes e instigantes no que se refere ao contacto físico e fenomenológico com a linguagem em questão e presente em todo processo de comunicação.

Este fenômeno, decorrente de uma fisicalidade (do contato da mídia com o indivíduo), repleto de códigos, signos, mensagens, mídias e elementos infindos, representa uma espécie de retrato da sociedade contemporânea, no momento em que remonta arquétipos e desejos inconscientes (ou conscientes) de uma sociedade dita globalizada, que vê no seu dia a dia, as contradições e paradoxos de um caminho da humanidade, contado pela “ História dos Vencedores” .

Esta análise fenomenológica, portanto, não quer destacar o caráter tradicional e teórico, de uma leitura usual dos Quadrinhos enquanto linguagem, nem classificá-los em categorias bem definidas. Ao contrário, se propõe a ler as peças gráficas com os olhos de um leitor comum, somente destacando características interessantes ao trabalho, na remontagem de teorias, objetivando a re-operacionalização dos conceitos estudados.

Trata-se de uma aproximação com mensagens que nos são informadas, quase que “segundo a segundo”, visto que vivemos em um mundo extremamente visual , onde as mudanças cromáticas, textuais, referenciais, se modificam constantemente e nossas retinas se acostumam facilmente ao bailar das imagens. Portanto é crucial o enfoque aqui adotado, no momento em que realiza um resgate de nossa memória visual, no que se refere à linguagem dos quadrinhos veiculada no país. Acredita retomar desta forma, uma discussão importante sobre a memória imagética do povo brasileiro e sua influência no inconsciente coletivo das grandes massas.

Assim, compreende-se melhor os dados quantitativos obtidos na primeira etapa do trabalho, abrindo-se perspectivas para novas abordagens e aprofundamentos teóricos referentes ao material delimitado. O documento do MASP se constituiu em importante referência bibliográfica da publicação de HQs no mercado nacional, consideradas todas as dificuldades para ampliação de tal registro em estudos mais atuais. Por isso a preocupação com as transformações ocorridas nos diversos periódicos, como a mudança do formato tablóide para o formato revista/americano e posterior formatinho, daí as diversas adaptações do material estrangeiro para o “formato” nacional. A análise estética ainda procurou estabelecer conceitos técnicos acerca das temáticas abordadas, classificando as histórias em 3 gêneros distintos, a princípio: humor, aventura e conto (este último quando a história tem um final em si, não constituindo série ou personagem definido).

Uma vez não realizada, ou não conhecida qualquer tipo de análise da espécie na bibliografia brasileira, nem aos níveis conceituais primários propostos, o trabalho apresenta resultados interessantes enquanto campo para análises e pesquisas a serem desenvolvidas, estabelecendo uma ampliação da proposta primeira, em sugestões dialéticas de novas proposições e teses a serem elaboradas. Respeitando uma realidade ou filosofia fenomenológica da práxis.

As principais dificuldades encontradas para o desenvolvimento da pesquisa, além das poucas fontes bibliográficas disponíveis, foram as escassas fontes primárias disponíveis apenas em bibliotecas especializadas e coleções particulares, como foi apontado anteriormente.

Referências Bibliográficas:

CAGNIN, Antonio Luis. Os Quadrinhos. São Paulo. Ática, 1975.

CIRNE, Moacy. A Explosão Criativa dos Quadrinhos. Rio de Janeiro. Vozes, 1970.

A Linguagem dos Quadrinhos. Rio de Janeiro. Vozes, 1971

Para Lêr os Quadrinhos. Rio de Janeiro. Vozes, 1972

Uma Introdução Política aos Quadrinhos. Rio de Janeiro. Achiamé, 1982.
História e Crítica dos Quadrinhos Brasileiros. Rio de Janeiro. Europa, 1990

McCLOUD, Scott. Desvendando os Quadrinhos. São Paulo, Makron Books, 1995.

MOYA, Álvaro de. Shazam. São Paulo. Perspectiva, 1977.
História da História em Quadrinhos. São Paulo. Brasiliense. 1994

PINO, Wladimir Dias. Processo: linguagem e comunicação. Rio de Janeiro, Vozes, 1973.

SÁ, Álvaro de. Poemica 12x9. Rio de Janeiro, Edição independente, 1991.

TABARIN, Mário. et. alii. Exposição Internacional de Histórias em Quadrinhos. São Paulo. MASP, 1970. Catálogo da Exposição.